

Resumo. O modelo aristotélico em que o fim da vida humana é a realização da alma reacional subtrai o homem da *negotia* e mantém-lo dentro de um horizonte político em uma dimensão urbana da sociabilidade. Este modelo serviu a *magistri artium* para justificar teoricamente o seu papel. No entanto, no século XIV, ele enfrentou críticas ferozes no primeiro Humanismo. Neste artigo pretendo explicar esse fenômeno a partir da análise da concepção de felicidade dos dois autores: em primeiro lugar, o professor das artes Jacobo de Pistoia e *Quaestio de felicitate* e, em segundo lugar, e da oposição, a concepção de felicidade Francesco Petrarca como afastamento dos centros urbanos e vida solitária no contexto de sua crítica da cultura universitária.

Palavras-chave: Petrarca - Jacobo de Pistoia - Felicidade intelectual - Vida solitária - Humanismo.

